

ANGÚSTIA: um sentimento mau ou um mal fundamental?
OS DOIS LADOS DA ANGÚSTIA

Rosane Gabriele Campelo de Melo

o
presente: girando o círculo, ele se abate sobre o presente vindo do futuro”
(Zeljko Loparic apud Rocha, 2000)

O corpo psicanalítico é um “corpo erógeno”, um corpo que, de um modo ou de outro, já é objeto de investimento libidinal. Nem sempre tudo o que é vivido por esse corpo libidinalmente investido pode ser representado ou simbolizado pelo sujeito, ou seja, falado ou manifesto por sintomas. Esse corpo de que se fala na psicanálise é também um corpo fantasmático, é habitado pela linguagem e representado pelas fantasias do desejo ou pelos representantes psíquicos das pulsões, e como tal, ele é um “corpo próprio”, suporte físico do nosso mundo interior, da nossa realidade psíquica. “ É para o ‘fantasma’ que se dirige o desejo e não para o real; é ao nível da representação que se passa a psicanálise” (Garcia-Roza, 1994, pp.102).

Nossa realidade psíquica é constituída pelo desejo e pelas fantasias conscientes e inconscientes que encenam tais desejos e, como tal, ela adquire para nós valor de uma realidade material e é esta que rege o mundo das neuroses. O valor da realidade objetiva reside no fato de que é ela que vai impor os limites aos nossos desejos ilimitados. Da mesma forma, é o princípio de realidade que impõe os limites à satisfação desenfreada do princípio do prazer.

A pulsão (Trieb), que tem sua fonte no corpo, só pode ter acesso ao psiquismo por via de uma representação, que Freud denominou de representantes psíquicos da pulsão. Tal representante contém dois aspectos: um **ideativo** (relativo às fantasias, às cenas, às imagens que estão vinculadas de maneira histórica ou, até mesmo, pré-histórica ao desejo) que equivaleriam ao que Lacan denominou de “significantes do desejo”; e outro **afetivo** (desejo, medo, amor, aversão, cólera, etc) (Laplanche, 1998). O afeto é sempre alvo de alguma coisa que o afeta. Ambos não são necessariamente dependentes um do outro. O que será recalcado é o conteúdo ideativo da pulsão que se separa de seu afeto e este último pode deslocar-se sobre outras representações causando-nos, muitas vezes, a sensação de estranheza do material revelado, que é o que ocorre nos sonhos, ou pode ainda ser isolada com o seu conteúdo afetivo inibido. O objetivo da pulsão é sempre o

de buscar satisfação. Mas essa busca não se dá de forma direta e imediata, ela sofre modificações devido às exigências da censura. E suas transformações vão aparecer como modalidades diferentes de defesas (Freud, ESB, v. XIV).

A ANGÚSTIA DO INOMINÁVEL

Quando o afeto que não pode ser recalado se desliga de sua representação, ele pode se manifestar sob a forma de desprazer, ansiedade, ou até mesmo de angústia. Essa inadequação na descarga da excitação sexual acumulada foi a primeira explicação atribuída por Freud à angústia. Nesse caso se diz que o recalque não foi bem sucedido.

O que acontece é que o desprazer, causado pelo acúmulo de energia, aciona o aparelho psíquico para procurar uma satisfação imediata através de sua descarga. Considerando que o afeto sofre transformações em decorrência do recalamento imposto ao componente ideativo da pulsão, Freud aponta três formas de transformação desse afeto, numa carta dirigida a Fliess, datada de 21 de maio de 1894, que podem ser observadas:

1- Na Histeria de Conversão, na qual ocorre a transformação do afeto. O afeto desaparece dando lugar ao sintoma. O recalamento é sucedido quando há um total desaparecimento do afeto, garantindo ausência da ansiedade. Quando isso acontece, o paciente exibe o que Charcot denominou de “a bela indiferença dos histéricos” em relação aos seus sintomas. A conversão seria o mecanismo utilizado pelo ego para transformar a carga de afeto ligada a uma idéia(s) em sintoma somático;

2- Na Neurose Obsessiva, onde ocorre o deslocamento do afeto. O que é transformado é o impulso hostil dirigido a alguém que se ama, através da formação reativa (transformação do ódio em amor). A emoção desaparecida retorna em sua forma transformada, com ansiedade social, moral e autocensura. O fracasso, na repressão da carga afetiva, põe em jogo o mecanismo de fuga, evitação e proibição, como ocorre com as fobias histéricas;

3- Por fim, na Neurose de Angústia, onde ocorre a troca de afeto. O representante ideativo original é substituído por deslocamento ao longo de uma série de conexões por um outro representante, enquanto o afeto é transformado em ansiedade. Ele apenas remove a idéia original, substituindo-a; fracassando completamente em evitar o desprazer. É o que ocorre no caso do pequeno Hans, na sua fobia por cavalo (Freud, ESB, v. I; Garcia-Roza, 1994).

Entende-se por elaboração psíquica o ato de ligar a energia psíquica, ou desligá-la de determinados conteúdos representativos ou grupos de representações, formando, assim, cadeias de significação. É essa atividade psíquica que dará freio ao deslizamento ininterrupto dos significantes do desejo. Tais deslizamentos são característicos dos

processos primários, quando a energia psíquica, que está desligada da representação que lhe deu origem, corre solta e pode ser deslocada sobre toda e qualquer representação.

A vivência de prazer é experimentada quando a excitação sexual é ligada a um representante psíquico, ou seja, a pulsão encontra o seu destino, quando não, tal excitação congela-se, inscreve-se no corpo e é vivenciada na forma de angústia. O corpo é o instrumento para exprimir a linguagem de seus afetos. Entretanto, se os estímulos corpóreos, por algum motivo, não puderem ter acesso ao psiquismo, esses se tornam significantes mudos de uma linguagem que fracassa no seu propósito (Rocha, 2000). Freud aponta a hipocondria como um exemplo dessa somatização vazia de conteúdo significativo.

Os sintomas somáticos, por não serem elaborados psiquicamente, não falam a linguagem do desejo, e nem têm acesso ao mundo da simbolização. São significantes vazios que se inscrevem num corpo não habitado pela linguagem. O sofrimento do corpo se deve justamente por não se poder elaborar psiquicamente tal sofrimento. É por isso que é impossível, para o hipocondríaco, nomear a sua dor. E de nada valem as tentativas médicas de diagnosticar os seus sintomas porque, para os hipocondríacos, os médicos nunca alcançarão a compreensão exata da dimensão de seus problemas (Laplanche, 1998).

Ao reformular a teoria das pulsões, Freud introduziu a pulsão de morte para fazer oposição à pulsão de vida, estando incluída nessa última as pulsões sexuais e de autoconservação. A pulsão de morte seria a tendência de todo ser vivo a retornar ao estado original inorgânico, enquanto que o esforço para que essa morte ocorra de forma natural, sem interferências externas, seria o objetivo da pulsão de vida. Freud conclui que “o objetivo de toda a vida é a morte” (Freud, ESB, v. XVIII, pp 56). A pulsão de morte seria esse algo que estaria além do princípio de prazer, a busca do prazer máximo, que seria alcançado com a volta ao estado de tensão zero - princípio de Nirvana (Garcia-Roza, 1994).

Sendo assim, é contra esse perigo pulsional, que vem de dentro, do qual o indivíduo não pode fugir, que o ego se arma de defesas e constrói o mecanismo de recalque. O recalque seria uma tentativa do sistema Pcs/Cs de manter afastado, no inconsciente, representações ligadas a uma determinada pulsão.

Quando ocorre o recalque, o investimento afetivo inconsciente da representação ideativa rechaçada é descarregado sob forma de angústia. E essa angústia surge sem que o sujeito possa se dar conta de onde ela veio, ou o que a motivou. Há uma ligação dessa angústia indeterminada a uma representação substituta, que, no caso do pequeno Hans, foi realizada por meio do representante “cavalo”, porém, não um cavalo qualquer; falamos aqui que Hans tem medo do “significante cavalo”. E o medo de Hans passou a ser de que o cavalo lhe mordesse (por ser um cavalo viril) ou caísse (por fraquejar). O representante ideativo é substituído por deslocamento ao longo de uma série de

conexões, com a figura de um cavalo, enquanto o componente afetivo se transforma, então, em ansiedade.

O que se observa é que nem o recalque nem a formação substituta neutraliza, de fato, a angústia fóbica. E entram em jogo, a nível do consciente, evitamentos, renúncias e proibições com o intuito de afastar tudo aquilo que de algum modo possa estabelecer alguma conexão com o representante substituto.

Sabendo-se que o objeto fóbico vem como uma suplência paterna, todas essas tentativas têm o objetivo de delimitar o espaço do sujeito restringindo seus movimentos e proporcionando-lhe uma sensação de um falso controle da situação. “O fóbico tem medo de deixar de ter medo, porque o objeto fóbico `fobogeniza` toda sua vida” (Rocha, 2000, p.80). E é nessa evitação do confronto com o objeto fóbico, que o pequeno Hans pensa estar protegido da vingança paterna (devido a sua hostilidade dirigida ao pai), como postula Freud, ou da devoração materna, no caso de haver a falência paterna (Lacan, 1956-1957). O primeiro é uma expressão do medo que o cavalo lhe morda e o segundo que ele caía.

Vale apenas fazermos uma distinção entre o que foi chamado “angústia real” e a “angústia neurótica”. Enquanto a primeira encontra-se no registro da realidade externa, a angústia neurótica está situada no registro da imaginação e da fantasia. Esta ocorre diante de um perigo fantasmático ou interno, muito embora esta seja também considerada como real, pois a realidade psíquica para o sujeito é tão real quanto a realidade externa e concreta.

A defesa utilizada pelo sujeito diante da ameaça de perigo que causa angústia-real é a fuga, enquanto que o recalque é uma forma de defesa utilizada pelo ego no confronto com o perigo pulsional interno, já que o sujeito não pode fugir dele mesmo. O medo do surgimento da angústia mobiliza o ego a fazer uso do recalque, mantendo afastado da consciência seus desejos inconscientes quando esses o ameaçam. Isso poderia justificar a diferença entre medo, como tendo um objeto determinado, e angústia como implicando numa indeterminação do perigo/objeto – podemos nos sentir angustiados, com a sensação de que algo ruim pode acontecer a qualquer hora sem saber a razão. É por isso que Freud se refere à angústia como um “estado” e se abstrai do objeto. Seria um estado caracterizado pela expectativa de preparação para um perigo indeterminado (Laplanche, 1998). No entanto, como explicar a ansiedade de Hans sentida frente ao objeto fobogênico – o cavalo? O que acontece é que o fóbico projeta o perigo pulsional interno ameaçador no objeto fobogênico; sendo assim, a formação do sintoma fóbico é uma forma de defesa do ego contra o desenvolvimento da angústia. O cavalo, no caso de Hans, é um substituto do perigo pulsional interno, que é, segundo Freud, a angústia da castração, e é pela evitação do cavalo que Hans pode ter controle dessa angústia. Ou seja, o cavalo é nesse caso o substituto do pai castrador. Se o pai, em seu lugar, não desempenha a função que lhe atribui a estrutura do complexo de Édipo, o sintoma vem suprir essa carência. Dessa forma, conclui-se que, por trás de qualquer manifestação de

medo de um objeto real, pode se esconder angústias arcaicas de acontecimentos significativos passados, já tornados inconscientes (Freud, 1909, v.X).

Vale aqui apontar para a distinção feita por Freud entre a **sinal de angústia** e a **angústia automática**, todos ocorridos no Ego. No primeiro caso, o ego produz uma angústia atenuada, como um sinal de alerta, o que lhe permite organizar alguma defesa. Tal defesa pode ser manifesta na formação de sintoma, que é uma tentativa de ligar a angústia que antes se encontrava suspensa. Já no segundo, a angústia é descarregada de uma forma surpreendente, não dando tempo ao ego de se defender. O sujeito é dominado por este transbordamento inesperado de excitação, pois a libido aqui age de uma forma completamente desligada e solta, deixando o sujeito com o sentimento de desamparo, como no recém-nascido, e com a sensação de aniquilamento.

Isso ocorre na situação de pânico, na qual o indivíduo é surpreendido por um transbordamento de excitação, o ego fica paralisado e incapacitado de uma defesa adequada contra essa angústia avassaladora que o domina. Existe, nesse caso, o elemento surpresa. Pensamos, pois, que, mesmo em face de uma situação de angústia real, quando ocorre um transbordamento em frente a uma situação de perigo bem definido essa angústia real, uma vez desenvolvida em pânico, teria o suporte de uma angústia neurótica.

Deparamos no século XX com o que ficou convencionalmente denominado de “síndrome do pânico”, cuja sintomatologia consta de crises súbitas de ansiedade aparentemente inexplicáveis, tais como; sensação de morte iminente, de que o indivíduo vai enlouquecer, perda do controle de si, além de sintomas físicos, como sudorese, taquicardia, falta de ar, dores no peito, tremores, vertigens, etc. Suas raízes foram encontradas nos escritos freudianos sobre neurose de angústia; nessa, a tensão sexual muito intensa não encontra o seu representante psíquico e é revertida em angústia. Devido à precariedade da elaboração psíquica, existe uma necessidade de ligar a tensão sexual a uma rede representacional qualquer para lhe atribuir algum sentido, dando ao indivíduo a sensação de um aparente controle da situação. Isso acontece quando no ataque de pânico o sujeito se agarra às sensações corpóreas, sentidas durante o ataque, ou a lugares ou a situações como uma tentativa de buscar alguma representação para a sua angústia, ou seja, de dar um sentido para o irrompimento daquela angústia (Rocha, 2000).

Foram apontadas algumas situações como sendo deflagradoras do ataque de pânico, tais como: “...os acontecimentos de separação brutal de seres muito próximos ou de perturbações em situações que até então representavam segurança para o sujeito” (Pereira, 1997, apud Rocha, 2000, p. 66). “No pânico, o sujeito é invadido por um excesso de angústia que o submerge e paralisa, deixando-o, portanto, desamparado.... O transtorno de pânico seria, dessa forma, uma tentativa desesperada para representar de alguma forma a inominável angústia do desamparo na sua forma extrema que é a angústia da morte e do nada” (Rocha, 2000, p. 67). Na sensação de estar morrendo e de estar distanciando-se de si, o sujeito dominado pelo pânico estaria, talvez, buscando

desesperadamente ligar sua angústia a uma rede representacional para não correr o risco de um desmoronamento de sua organização psíquica. Assim, é possível estabelecer uma conexão dessas situações com a noção de desamparo desenvolvida por Freud; por meio do desamparo, o bebê é incapaz de sobreviver sem a ajuda do outro, ele fica completamente à mercê do outro. Lacan aponta para a experiência do desamparo como sendo a situação em que o sujeito se encontra completamente dependente do obscuro desejo do Outro. Além disso, Freud enfatiza uma situação anterior a esta, que ele denominou de “auto-intoxicação”, ocorrida no exato momento do nascimento, na qual o recém-nascido é privado subitamente de suas fontes de alimentação e principalmente de oxigênio, além da separação física da mãe sem que ele esteja ainda adaptado ao meio ambiente. Esses fatores provocam uma sensação de entorpecimento, parada energética, transbordamento, o que será vivenciado como um ataque interno ao indivíduo e tal vivência será experienciada em toda situação de angústia (Laplanche, 1998). Ambas não deixam de ser, ao meu ver, vivências de desamparo. Freud nomeou a situação do desamparo em que se encontra o recém-nascido como sendo o protótipo de toda experiência de angústia. E viu nela uma forma especial de “angústia de separação”, que nada mais é que a angústia de castração e que vai permear toda a vida do indivíduo.

A experiência do desamparo descrita por Freud é vivenciada como uma “situação traumática” pela total dependência e passividade em que se encontra o bebê ao nascer. Com o corte do cordão umbilical, o bebê não só é separado da mãe como perde parte de si mesmo, passando a se caracterizar como um ser incompleto. Essa é considerada a primeira experiência de castração do sujeito, entretanto, alguns autores apontam para essa experiência como sendo uma castração da mãe, é ela que é castrada de seu filho (Laplanche, 1988).

Devido a sua incapacidade de fazer uma representação psíquica da situação de separação, uma vez que nesse primeiro momento o bebê vive em total simbiose com sua mãe, não conseguindo ainda fazer uma distinção entre o Eu e o Não-Eu, ele vivencia a ausência da mãe como uma perda, ou seja, como um perigo de aniquilamento, de destruição e de morte. Podemos falar aqui de uma castração afetiva (pela ausência demorada do ser amado). Somente após sucessivas vivências de separação com essa mãe (ilustrada por Freud através do jogo do carretel *Fort-Da*), e da certeza de uma não desintegração do ego, é que ele terá condições de controlar a situação traumatizante do desamparo. Essa angústia da separação nos acompanhará pelo resto de nossas vidas e só findará com a separação eterna da morte.

Após esse exercício de domínio inicial pelo bebê, dá-se início a uma nova situação de perigo, quando a angústia de separação pode se manifestar através do medo de **perder o amor desse objeto**. Caso perceba por alguma razão real ou imaginária, que não é merecedora desse amor, a criança se sentirá desprotegida diante dos perigos da vida e entra novamente em jogo a angústia do desamparo. Em seguida, essa angústia de perda e separação vai reaparecer na fase fálica - na angústia da castração - que é mais que uma angústia, pois faz parte de um complexo, o complexo de castração. Nesse estágio surge a fantasia da castração, que nada mais é que a crença do menino ao perceber a

ausência do pênis na menina, quando ele partia do pressuposto de que todos os seres humanos eram possuidores de pênis, de que se ela não o tem é porque o tiraram e sendo assim ele também pode perder o seu. Porém, entende-se que o elemento perceptivo por si só não determina a angústia, ele tem que vir associado a uma crença, a de que todos os seres humanos têm um pênis. Dessa forma, a realidade da castração não se reduz a uma mera realidade do mundo empírico, ela toma a conotação de um elemento estruturante e organizador da vida fantasmática. E ela se torna estruturante desde o momento em que Freud estabelece sua relação com o complexo de Édipo. Nesse processo, a experiência da castração impulsionaria o indivíduo a abdicar de ser o *phallus* da mãe para tornar-se o sujeito de seu próprio desejo, constituindo-se como um ser humano.

Com o desenvolvimento do sujeito a angústia passa a ser motivada pela hostilidade do superego, pelo sentimento de culpa, pelo medo de ser punido e também pelo medo da perda de seu amor que o ego sinaliza como perigo. Essa etapa da “consciência moral e crítica”, segundo Freud, sucede o complexo de Édipo. A hostilidade e severidade do superego agem sobre o ego, levando-o a sentir-se culpado não só pelas coisas erradas e más que fez, mas também pelas que desejou fazer, uma vez que nada escapa ao superego. O estado extremo dessa tirania é o que sucede com os obsessivos e melancólicos, embora sejam eles os que mais se aproximam da santidade, por estarem se redimindo constantemente de seus pecados com seus rituais. Além disso, Freud apontou outros casos, em que tal sentimento de culpa vinha desacompanhado de uma má ação, ou seja, ele preexistia ao crime. Isso ocorre nas situações em que o crime já vem como uma forma de aliviar o criminoso de sua culpa prévia injustificada. O sentimento finalmente encontrou um objeto (Rocha, 2000).

Na medida em que Freud vê o perigo de castração como fator desencadeante da angústia, este adquire o poder de uma fantasia originária que se apresenta como elemento estruturante e organizador de nossa vida fantasmática. Vale salientar que a angústia de castração é o motor do recalque. Portanto, a ameaça de castração não deve ser vista só como algo objetivo da realidade externa, mesmo que a criança tenha sofrido ameaças reais desse tipo pelo pai ou por alguém que detenha essa função, mas principalmente como um esquema organizador de todas as ameaças e traumatismos que a criança tenha se deparado em sua vida pregressa (Freud, ESB, v.XX, apud Rocha, 2000; Laplanche, 1998).

A angústia de castração pode ser vista como uma punição, no sentido de castigar a criança pelo seu desejo incestuoso pela mãe, e promessa, no sentido de libertá-la dessa ambição fálica do seu desejo narcísico, no qual ela se acha um ser onipotente, para que ela possa ressurgir como um ser desejante. Caso não renuncie à mãe como objeto de investimento libidinal, fica comprometida a sua realização de vida afetiva e sexual. Como bem assinala Batista, perde-se o gozo supremo, mas se ganha a capacidade de desejar (2003).

Nesse sentido podemos dizer que a angústia de castração, que perpassa todos os estágios do desenvolvimento infantil, iniciando-se com o nascimento pela separação do corpo materno, passando pelo desmame com a fantasia de “comer e ser comido”, seguindo pela entrega cotidiana das fezes, onde reina a fantasia do nascimento cloacal, e desembocando no Édipo, tem seus dois lados: se por um lado ela aponta para a perda (do objeto), falta (do objeto), falha, e como tal nossa incompletude e finitude, por outro, ela é fundamental, pois nos mostra que é só através desse confrontamento que nos tornaremos seres humanos completos com tudo de incompleto que isso possa comportar.

Sendo assim, talvez pudéssemos afirmar que o sujeito nasce da angústia...

REFERÊNCIA

Araújo Batista, Luciane. **Quem perde, ganha!**, Revista Veredas, No. 9, Bagaço, 2003.

Freud, Sigmund. **Análise de uma fobia de um menino de cinco anos** (1909), ESB, vol. X, pp. 15- 154.

— . **Os instintos e suas vicissitudes** (1915), ESB, vol. XIV, pp. 137-162.

— . **Repressão** (1915), ESB, vol. XIV, pp. 165-182.

— . **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess** . (1950[1892-1899]), ESB, vol.XIV, “Carta 18”, pp 259-261.

— . **Além do Princípio de Prazer**. (1920), ESB, vol. XVIII, pp. 13-85.

Garcia-Roza, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Lacan, Jaques. **A Relação de objeto e as estruturas freudianas**. (1956-1957) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Laplanche, Jean. **Castrações Simbolizações**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1988.

— . **A Angústia.** Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo, 1998.

Rocha, Zeferino. **Os Destinos da Angústia na Psicanálise Freudiana.** São Paulo:
Escuta, 2000.